

Pôpa do bergantim real

BATEIS, GALÉS, BERGANTINS, GALEOTAS

E OUTRAS EMBARCAÇÕES DE GALA DOS NOSSOS REIS

(Conclusão. Vid. pag. 75)

Estamos, finalmente, chegados á epocha em que foram construidas quasi todas as embarcações reaes de gala que hoje existem, e que formam no Tejo, na occasião da chegada das nossas rainhas, esse brilhantissimo prestito que causa a admiração de todos os que o contemplam, qualquer que seja o paiz d'onde procedam.

O bergantim real, representado na gravura a pag. 65, e çuja pôpa dá assumpto á que acompanha este artigo, foi feito no reinado de D. Maria I, sendo ministro da marinha Martinho de Mello e Castro.

Por mais que diligenciámos descobrir o anno da sua construcção, o nome do constructor e dos principaes artistas que concorreram para a sua decoração, bem como a solemnidade em que se estreiou, foram baldados os nossos esforços. Verdade é que foi pouco o tempo de que podémos dispor para fazer as investigações possiveis nos livros e memorias publicados n'aquelle reinado. Recorremos, porém, á benevolencia de pessoas competentes para nos poderem alcançar algumas informações a similhante respeito.

No ministerio da marinha teve o sr. conselheiro Antonio Raphael Rodrigues Sette a extrema benevolencia de investigar, no archivo da secretaria, sem que até agora, infelizmente, se encontrasse esclarecimento algum. Todavia, como ainda continuem aquellas investigações, se apparecer alguma noticia publical-a-hemos logo que nos for communicada.

Na repartição das reaes galeotas tambem nada consta relativamente áquelles tres quesitos. Comtudo, obsequiou-nos o sr. Antonio Gregorio de Freitas, contra-almirante reformado da armada, ex-commandante das reaes galeotas, enviando-nos uma relação circunstan-

ciada das embarcações reaes actualmente existentes em Lisboa, das que foram para o Brasil durante a residencia del-rei D. João VI n'aquelle paiz, e das que se inutilisaram no longo periodo em que aquelle distincto official da nossa armada teve o commando das ditas galeotas.

Tambem pedimos ao sr. abbade de Castro o favor de ver se achava entre os seus apontamentos archeologicos alguma noticia que podesse servir de esclarecimento á questão. No curso d'este artigo verão os nossos leitores as informações que obtivemos d'estes dois cavalheiros.

Na falta de noticias positivas para averiguar qualquer acontecimento historico, forçoso é recorrer-se ás conjecturas. No presente caso cremos poder conjecturar, com muita probabilidade, que o bergantim real, que dá origem a estas considerações, foi construido expressamente para servir na occasião do consorcio e troca das infantas D. Maria, filha da rainha D. Maria I, que foi casar com o infante D. Gabriel, filho segundo de Carlos IV, rei de Hespanha; e de D. Carlota Joaquina, filha d'este soberano, a qual veiu ser esposa do infante D. João, depois rei, 6.º do nome. Realisou-se esta troca no anno de 1784.

O bergantim real tem 12 pés e 6 ½ pollegadas de boca, e 86 pés e 7 ½ pollegadas de quilha, o que corresponde a quasi 29 metros de comprimento. É movido por 40 remos e 120 remadores, tres para cada remo. A proa e a pôpa são inteiramente cobertas de figuras e outras variadas esculpturas de talha doirada, feitas com muita perfeição, rematando a pôpa em tres grandes e formosas lanternas de metal doirado, de exquisito lavor. Além d'estes ornamentos, faz singular adorno á mesma pôpa um painel pintado a oleo primorosamente, e dividido pelo leme em duas partes. N'uma está representado Neptuno, em pé no seu carro de madre-perola, puxado por dois golphinhos, que conduzem triumphalmente o deus dos mares sobre as ondas do Oceano, que elle subjuga e aplaca com o seu tridente. Na outra Amphitrite, esposa de Neptuno, egualmente em pé sobre uma formosa concha. As bordas e costado do bergantim até ao lume d'agua são guarnecidas completamente da mesma obra de talha doirada, formando lindas cercaduras de flores, folhagens, fructos e outros graciosos desenhos.

O camarim destinado para as pessoas reaes é, como devia ser, a parte mais rica e sumptuosa da embarcação. Figurae uma sala espaçosa, cujas quatro paredes sejam formadas por grandes vidraças, de caixilhos doirados, a que faça divisão e sirva de sustentar o tecto, como pilastras, obra de talha doirada com diversidade de feitios delicados e caprichosos. Fazei correr em volta do tecto uma esbelta cornija, tambem de talha doirada e graciosamente brincada, com sua coroa de elegantes ornatos em fórma de urnas, de metal cinzelado com miudeza de desenhos, e brilhante como oiro. Abri na frente do camarim uma ampla porta de vidraças. Guarnecei-lhe interiormente o tecto e as vidraças com cortinados de seda carmesi e oiro. Estendei sobre o pavimento uma preciosa alcatifa. Collocae, finalmente, no topo do camarim grandes e magnificas cadeiras de braços, de talha doirada, e estofadas da mesma seda carmesi e oiro; e tereis concebido uma idéa aproximada d'essa camara verdadeiramente régia.

É muito para deplorar, sem duvida, que em uma obra de tanta riqueza e perfeição artistica, não seja possivel pôr ao lado da sua descripção os nomes dos artistas que imaginaram e executaram todos esses primores. Parece incrivel, e accusa, por certo, uma grande incuria, que se dê similhante falta de noticias a respeito de uma epocha tão proxima do nosso tempo. Lendo-se nas *Memorias* de Cyrillo Volkmar Machado a lista dos pintores e esculptores portuguezes, ahi hão de estar, certamente, os nomes dos artistas a quem se deve a pintura e as esculpturas do bergantim real. Mas não se póde indicar, d'entre os pintores d'aquella epocha, qual seja o auctor do painel de Neptuno. Quanto aos esculptores, lá se póde presumir com mais probabilidade quaes elles fossem, attendendo a que havia uns tres em Lisboa, n'esse tempo, que a todos levavam a palma nos trabalhos em madeira [1].

O aspecto grandioso do bergantim real é realçado ainda, nas solemnidades em que figura, pelo apparatoso vestuario dos remadores, pelo fardamento rico do patrão-mór, que é um capitão de mar e guerra da armada, o qual vae ao leme, posto em pé; e, em fim, pelo magnifico estandarte real, de seda carmesi com as armas reaes bordadas a oiro, levantado junto ao camarim.

O fardamento dos remadores, tanto do bergantim como das galeotas reaes, é o seguinte, desde o anno de 1833: jaqueta de panno escarlate, sem gola, com os canhões de panno azul ferrete, tudo guarnecido de galão de oiro. Calça branca com lista azul clara, sendo verão, e de panno azul ferrete no inverno. Camisa com peitilho e collarinho, ou gola á marinheira, azul claro. Lenço de seda preta no pescoço ao uso dos marinheiros. Cinta de seda escarlate ou azul claro. Sapato preto com lacinho de fita de seda preta. Barretina de veludo carmesi, toda guarnecida de galões de oiro, com uma borla do mesmo metal no tope, e com uma chapa de prata alta e muito larga na frente, occupando toda a parte dianteira da copa. A chapa representa o escudo das armas reaes, cercado de bandeiras e trophéos de guerra, cinzelados com muito primor.

O fardamento que se usou até 1833, em que foi reformado por ordem de sua magestade imperial o duque de Bragança, regente em nome da rainha sua augusta filha, differia d'aquelle em ser a camisa toda branca; a calça, segundo a estação, de panno azul ferrete ou branca, porém sem lista azul; a jaqueta com abinhas nos bolsos, e guarnecida de galões de oiro, não só em volta, mas tambem por todas as costuras, sendo os canhões agaloados de prata. Tambem tinham calções de panno escarlate guarnecidos de galões de oiro na curva da perna, onde apertava a fivela. Isto, porém, fazia mau effeito, porque quando vestiam os calções traziam nu o resto da perna [2].

Nas grandes solemnidades, que tem por theatro o Tejo, as quaes se reduzem unicamente á chegada das nossas rainhas a este porto, e ao seu desembarque, o bergantim real, logo que recebe a augusta noiva e el-rei seu desposado, que vae buscal-a a bordo do navio que a transportou, voga magestosamente entre duas compridas alas de galeotas e escaleres, tambem resplandecentes com as esculpturas doiradas que os adornam, e com os ricos trajos das pessoas da côrte que conduzem. Esse trajecto triumphal até ao caes das Columnas, na praça do Commercio, através de um rio amplissimo como o Tejo: a immensa quantidade de barcos, de todos os tamanhos e feitios, carregados

[1] Oiçamos o que nos diz o sr. abbade de Castro a este respeito:

«No seculo passado (como consta de memorias) viveram em Lisboa alguns esculptores em madeira, que tinham laboratorio publico na calçada de Santo André, e foram Manuel Vieira, natural da cidade do Porto, Manuel Dias, Jeronymo da Costa, natural de Braga, e outros. Veja-se *Collecção de memorias* etc., pag. 259, por Cyrillo Volkmar Machado. Lisboa, 1823.

«N'estes nossos tempos tratam-se os estudos archeologicos com um especial desdem e despeitosa compaixão, porque o gozo proximo e positivo do sensualismo moderno não dá tempo para estas investigações, mais aridas e muito mais profundas do que as faceis leviandades litterarias da epocha, como lhes chamou o dr. João Pedro Ribeiro n'uma das suas dissertações.

«Se ha ainda alguns bergantins dos reinados del-rei o sr. D. José I e da rainha a sra. D. Maria I, a pintura (por boas conjecturas) deve ser de Gaspar José Raposo, Joaquim da Costa, Pedro Alexandrino de Carvalho, Cyrillo Volkmar Machado e José da Costa Negreiros, porque d'estes tambem são os paineis dos coches da casa real.»

[2] Devemos a descripção d'estes dois fardamentos, antigo e moderno, ao sr. contra-almirante Antonio Gregorio de Freitas.

de gente, que n'essas occasiões se apinhoam e apertam uns contra os outros para tomarem o logar mais proximo da passagem do real cortejo; os navios de guerra e mercantes empavezados de bandeiras, galhardetes e flammulas multicores; os sons festivaes dos vivas, das musicas, das girandolas e das salvas, tudo isto constitue um espectaculo deslumbrante de esplendor e magestade, e de indescriptivel formosura.

Das galeotas, escaleres e outras embarcações reaes, e entre as quaes se encontram algumas de muita riqueza e excellencia de arte, fallaremos mais tarde, em artigo especial. Reservando para essa occasião muitas particularidades interessantes, referidas pelo sr. contra-almirante Freitas na relação com que nos mimoseou, faremos ver aos nossos leitores o quadro ainda esplendido das embarcações de gala del-rei o sr. D. Luiz I.

O bergantim real, tendo sido construido, como suppomos, para a solemnidade da troca das infantas, em 1784, conta actualmente 81 annos. N'este longo espaço de tempo tem-se-lhe feito algumas reparações. Conserva-se, porém, em excellente estado, que lhe promette muita duração.

N'este seculo tem servido este bergantim para o desembarque das seguintes pessoas reaes: del-rei D. João VI e familia real, no seu regresso do Brasil em 1821; da rainha a sra. D. Maria II, e da imperatriz, duqueza de Bragança, a sra. D. Amelia, na sua chegada de França em 1833; do principe D. Augusto, duque de Leutchemberg, primeiro marido da sra. D. Maria II, em 1835; del-rei o sr. D. Fernando II, em 1836; da rainha Adelaide de Inglaterra, depois de enviuvar del-rei Guilherme IV; do duque Fernando de Saxe-Coburgo, e seus filhos, pae e irmãos del-rei o sr. D. Fernando; do duque reinante de Saxe-Coburgo e sua esposa; da rainha de Hespanha D. Maria Christina; del-rei o sr. D. Pedro V, na volta da sua viagem ao estrangeiro; da rainha a sra. D. Estephania; da rainha a sra. D. Maria Pia; da princeza imperial do Brasil e do principe seu esposo; e da imperatriz dos francezes, Eugenia.

Em dezembro do anno passado, durante a estada em Lisboa da rainha de Hespanha D. Isabel II, del-rei D. Francisco de Assis, seu esposo, e do principe das Asturias e da infanta D. Isabel, seus filhos, el-rei o sr. D. Luiz proporcionou aos seus augustos hospedes um agradavel passeio pelo rio, a bordo d'este bergantim, seguido de algumas galeotas, em que iam as principaes pessoas da comitiva real.

São estes os personagens de que nos recordâmos que se tenham servido do bergantim nos tempos modernos. É certo que tem vindo a Lisboa muitos outros principes, francezes, italianos, austriacos, prussianos, hollandezes, dinamarquezes, russos, e até egypcios; parece-nos, porém, se a memoria nos não falha, que para estes serviu uma das galeotas.

As duas gravuras do bergantim real, que publicâmos, são cópias de duas photographias, que, juntamente com outras dos coches reaes, de algumas obras de arte e de varios monumentos do paiz, foram mandadas tirar expressamente para serem enviadas á exposição de Paris, por diligencia do sr. marquez de Sousa Holstein, vice-inspector da academia das bellas artes de Lisboa.

I. DE VILHENA BARBOSA.

JOAQUIM HELIODORO DA CUNHA RIVARA

(Conclusão. Vid. pag. 67)

III

Como ainda vem longe a publicação que nos propomos fazer (se nol-o consentirem a vida, e a saude que annos e desgostos vão progressivamente arruinando) do tomo do supplemento ao nosso *Diccionario bibliographico*, em que tem de figurar novamente com a merecida honra o nome do sr. Rivara, pareceu-nos não deixar incompleta a presente noticia, como de certo o ficaria se lhe não addiccionassemos uma breve resenha de todos os seus escriptos que até hoje conhecemos, impressos em livros ou folhetos separados, e cuja posse devemos ao favor e affeição com que s. ex.ª nos distingue. Limitâmo-nos a esta parte, porque, se tentassemos descrever todas as memorias e artigos insertos em jornaes, tornar-se-hia a tarefa interminavel.

OBRAS DE COMPOSIÇÃO E TRABALHO PROPRIO

I. *Catalogo dos manuscriptos* da bibliotheca publica eborense. Tomo I. Lisboa, na imprensa nacional, 1850. Em folio de 450 paginas.

II. *Apontamentos sobre os oradores parlamentares de* 1853, por um deputado. Lisboa, na typographia de A. J. F. Lopes, 1853. 8.° grande de 30 paginas.

III. *De Lisboa a Goa pelo Mediterraneo, Egypto e mar Vermelho, em setembro e outubro de* 1855. Carta circular que a seus amigos da Europa dirige Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara. Nova Goa, na imprensa nacional, 1856. Em 8.° grande de 76 paginas.

IV. *Viagem de Francisco Pyrard de Laval*, contendo a noticia de sua navegação ás Indias Orientaes, ilhas de Maldiva, Maluco, e ao Brasil (1601 a 1611), com a descripção dos costumes, leis, usos, politica e governo, trato e commercio d'estes paizes: dos animaes, arvores, fructos e outras singularidades que alli se encontram. Vertida do francez em portuguez, correcta e accrescentada com algumas notas. Tomo I. Nova Goa, na imprensa nacional, 1858. Em 8.° grande de VI-390 paginas, incluindo o indice.—Tomo II. Ibid., 1862. De IV-414 paginas.

V. *Ensaio historico da lingua Concani*. Nova Goa, na imprensa nacional, 1858. 8.° grande de XLIV-496 paginas. O *Ensaio* propriamente dito finda a pag. 79. Segue-se d'esta até á pag. 201 a *Bibliotheca Concani*, ou noticia dos auctores que escreveram n'esta lingua. De pag. 203 até ao fim do livro são noventa documentos, extrahidos dos livros do archivo do governo da India. Este *Ensaio* (sem os documentos) anda tambem á frente da reimpressão da *Grammatica* do padre Thomaz Estevão, feita pelo sr. Rivara, como abaixo se dirá.

VI. *Memoria sobre a propagação e cultura das cinchonas medicinaes, ou arvores de quina do Perú*, por W. Graham M.c Ivor, vertida do inglez. Nova Goa, imprensa nacional, 1864. 4.° de 36 paginas.

VII. *Inscripções de Diu*, trasladadas das proprias em janeiro de 1859. Nova Goa, imprensa nacional, 1865. 8.° grande de 61 paginas.—Estas inscripções sobem ao numero de cento e dezenove, quasi todas escriptas em lingua portugueza.

(Os escriptos que se seguem, comprehendidos de n.° 8 a 16, todos concernentes á defesa dos direitos do padroado portuguez na India, foram em verdade publicados anonymos, porque as conveniencias e melindres diplomaticos assim o requeriam: não é, porém, duvidoso para nós que a paternidade d'elles pertença ao sr. Rivara; nem sabemos que exista reclamação sua em contrario, embora alguns d'esses escriptos lhe tenham sido já formal e publicamente attribuidos.)

VIII. *Reflexões sobre o padroado portuguez no Oriente*, applicadas á proclamação pastoral do reverendo fr. Angelico, pro-vigario apostolico em Bombaim, aos soldados catholicos romanos da mesma presidencia: por um portuguez. Nova Goa, na imprensa nacional, 1858. 8.° de 121 paginas.

IX. *Additamento ás Reflexões sobre o padroado portuguez no Oriente*: por um portuguez. Ibid., 1858. 8.° de 83 paginas.—Este e o antecedente foram tam-

bem publicados na lingua ingleza, e impressos em Madrasta no mesmo anno.

X. *Reflexões sobre a materia da petição de aggravo*, que em defensão do prelado de Moçambique fez o advogado Levy Maria Jordão. Ibid., 1860. 8.° de 35 paginas.

XI. *A concordata mutilada e torcida pelos propagandistas*, vindicada á sua integridade e genuino sentido, pelo auctor das *Reflexões sobre o padroado portuguez no Oriente*. Ibid., 1860. 8.° de 21 paginas. (Para acompanhar este opusculo imprimiu-se tambem no mesmo formato: *Concordata de 21 de fevereiro de* 1857, entre sua santidade o papa Pio IX e sua magestade fidelissima el-rei de Portugal D. Pedro V, acompanhada das notas reversaes de 10 de setembro de 1857. Ibid. De 15 paginas.)

XII. *O Manifesto preventivo dos propagandistas da India contra a concordata*, apostillado pelo auctor das *Reflexões*, etc. Ibid., 1860. 8.° de 52 paginas.—Esta edição é consideravelmente augmentada com respeito á primeira, que saíra no *Boletim do governo* da India, n.° 13, de 14 de fevereiro de 1860.

XIII. *Perigos presentes da egreja catholica*, ponderados por um portuguez. Ibid., 1861. 8.° de 15 paginas.— Segunda parte. Ibid., no mesmo anno, de 29 paginas.

XIV. *Litteræ sacerdotum goanæ diocesis in Salsette insula degentium*, etc.—Resposta dos padres da diocese de Goa residentes na ilha de Salsette á carta circular do ill.^mo^ Clemente Bonnand, bispo de Drusipare. Ibid., 1861. 8.° de 83 paginas.—Texto em latim, com a versão portugueza.

XV. *O arcebispo de Goa e a congregação de Propaganda Fide:* por um portuguez. Ibid., 1862. 8.° de 103 paginas.—Foi tambem impresso na lingua ingleza, com o titulo: *The Archbishop of Goa and the Congregation de Propaganda Fide*. Ibid., 1863. 8.° de 92 paginas.

XVI. *Pastoral do illustrissimo doutor Fennelly, vigario apostolico em Madrasta*, datada de 8 de janeiro de 1863, vertida do inglez em portuguez e annotada. Ibid., 1863. 8.° de 91 paginas.

XVII. *O Chronista de Tissuary*, periodico mensal. Redactor Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara. Nova Goa, na imprensa nacional, 1866. 4.°—Os doze numeros publicados de janeiro a dezembro do dito anno formam um volume de 336 paginas, em que se incluem documentos historicos e politicos de maior interesse. Continúa em via de publicação o tomo II, do qual já temos presente o numero de março.

OBRAS E TRABALHOS ALHEÍOS, PUBLICADOS COM PREFAÇÕES E ADDITAMENTOS PROPRIOS

XVIII. *Grammatica da lingua Concani*, composta pelo padre Thomaz Estevão, e accrescentada por outros padres da Companhia de Jesus. Segunda impressão correcta e annotada, a que precede como introducção a *Memoria sobre a distribuição geographica das principaes linguas da India*, por sir Erskine Perry, e o *Ensaio historico da lingua Concani*, pelo editor. Nova Goa, imprensa nacional, 1857. 8.° grande de CCXXXVIII-254 paginas.

XIX. *Grammatica da lingua Concani no dialecto do Norte*, composta no seculo XVII por um missionario portuguez, e agora pela primeira vez dada á estampa. Ibid., 1858. 8.° grande de IV-184 paginas.

XX. *Grammatica da lingua Concani*, escripta em portuguez por um missionario italiano. Ibid., 1859. 8.° grande de IV-148 paginas.

XXI *Archivo portuguez oriental*.—Fasciculo I: Livro 1.° das *Cartas que os reis de Portugal escreveram á cidade de Goa*. Ibid., 1857. 8.° grande de 154 paginas.—Fasciculo II: *Livro dos privilegios da cidade de Goa*. Ibid., 1857. 8.° grande de 310 paginas.—Fasciculo III, que contém as *Cartas e instrucções* (que restam) *dos reis de Portugal aos vice-reis e governadores da India no seculo* XVI; e tambem as *provisões, alvarás reaes, e outros dos vice-reis, comprehendidos na mesma epocha*, tudo extrahido do archivo do governo geral do estado da India. Ibid., 1861. 8.° grande de XVI-960 paginas.—Accresce a este fasciculo uma parte 2.ª, que contém alguns additamentos, e o indice geral e systematico, contendo 144 paginas. (*N. B.* Consta-nos acharem-se já impressos 4.° e 5.° fasciculos; porém ainda não lográmos vel-os, ou porque nos não fossem remettidos, ou por algum extravio que occorresse.)

XXII. *Cartas de Luiz Antonio Verney e Antonio Pereira de Figueiredo aos padres da Congregação do Oratorio de Goa*. Nova Goa, imprensa nacional, 1858. 8.° grande de 24 paginas.

XXIII. *Memorias sobre as possessões portuguezas na Asia*, escriptas no anno de 1823 por Gonçalo de Magalhães Teixeira Pinto, desembargador da relação de Goa, e agora publicadas com breves notas e additamentos. Ibid., 1859. 8.° de VI-195 paginas.

XXIV. *Demonstratio Juris Patronatis Portugaliæ Regum a clarissimo viro D. Ludovico de Sousa, Archiepiscopo Bracharensi, apud Romanam Curiam Legato, jussu Serenissimi Principis Portugaliæ Regnorum Regentis Summo Pontifici Innocentio* XI. *Anno* MDCLXXVII *oblata. Opus, quod, cum hucusque ineditum permansisset, nunc in lucem prodit. Curante J. H. da Cunha Rivara. Novæ Goæ, ex Typogr. Nationali*, 1860. 8.° grande de 212 paginas.— «D'esta obra só se imprimiram trezentos exemplares, que se acham exhaustos. De cincoenta e oito que vieram remettidos a Lisboa para serem postos á venda, fez acquisição o ministerio da marinha, de sorte que o livro póde ser tido em conta de *raro*, ao menos em Lisboa.» (Nota do sr. A. P. de Carvalho.)

XXV. *Descripção dos Rios de Sena*, por Francisco de Mello de Castro. Anno de 1750. Nova Goa, imprensa nacional, 1861. 8.° grande de 40 paginas.

XXVI. *Observações sobre a historia natural de Goa*, feitas no anno de 1784 por Manuel Galvão da Silva, e agora publicadas. Ibid., 1862. 8.° grande de IV-42 paginas.

O governo, como já tivemos occasião de notar, não se ha mostrado ingrato para com o sr. Rivara. Repetidas demonstrações da munificencia real sobre elle accumuladas abonam a justa consideração devida ao seu merito e serviços; e bem fôra que todas as graças e mercês assentassem em tão solidos fundamentos. Por decreto de 14 de abril de 1865 foi-lhe conferido o grau de «commendador da antiga, nobilissima e esclarecida ordem de S. Thiago, do merito scientifico litterario e artistico, em attenção ao seu merecimento, e como testimunho da real consideração e apreço pelo empenho com que se tem dedicado a illustrar a historia dos dominios portuguezes na Asia, colligindo e fazendo imprimir grande cópia de documentos de reconhecido valor.»

Anteriormente fôra já nobilitado com egual grau de commendador da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa-Viçosa, por decreto de 4 de junho de 1860; e teve o titulo do conselho de sua magestade por outro decreto de 11 de março de 1861.

Varias corporações scientificas e litterarias quizeram tambem honral-o, e honraram-se a si proprias, inscrevendo-lhe o nome no catalogo dos seus membros. É socio correspondente da academia real das sciencias de Lisboa, do instituto historico e geographico do Brasil, e cremos que de algumas outras.

Feliz aquelle a quem taes distincções por merecidas não envergonham, achando n'ellas recompensa dos trabalhos passados e incitamento para os futuros!

INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.

BORBOLETA AGELIA

Um sabio naturalista e elegante escriptor chamou ás borboletas flores vivas. Se considerarmos na elegancia e variedade das fórmas d'este gentil insecto, e na viveza, brilho e diversidade das côres de suas azas, não podêmos deixar de ter aquella imagem por verdadeira.

A natureza não foi, certamente, mais liberal, mais potente e caprichosa na distribuição dos dotes da formosura para com as flores, do que o foi para com esse insecto encantador, parasita, mas amante d'ellas, que as namora e as beija a cada instante, alimentando-se das doçuras que escondem em seu seio, sem que lhes offenda as graças nem lhes macule a pureza. Assim, as borboletas são, como as flores, o mais bello ornamento dos prados e dos jardins; o enlevo dos olhos do homem apreciador das bellezas da creação; em fim, são como as notas singelas, porém mais harmoniosas, d'esse grande hymno de louvores entoado por todos os seres do universo á gloria e sabedoria do Creador.

As borboletas constituem uma ordem entre os in-



Borboleta agelia

sectos, á qual a sciencia deu o nome de *lepidopteres*. O naturalista Latreille dividiu-as em tres grandes familias, com as denominações de *diurnas*, *crepusculares* e *nocturnas;* o que quer dizer borboletas que voltejam e pastam durante o dia, ou no crepusculo, ou de noite. As diurnas tem o corpo delgado e comprido; levantam as azas quando repoisam, juntando-as verticalmente; e as suas antennas são filiformes, terminando em uma bolinha oval ou espherica. As crepusculares e as nocturnas tem o corpo grosso, avelludado, e muitas vezes guarnecido de longos pellos sobre o thorax. Quando não vôam tem as azas encolhidas horisontalmente, e algumas especies estendem-n'as ao longo do corpo. As antennas das crepusculares são compridas e affeiçoadas á maneira de maça, ou clava. As das nocturnas são setaceas, ou vão diminuindo da base para a ponta. Em muitas especies são guarnecidas de barbas como uma pluma.

A borboleta representada em a nossa gravura pertence á classe das diurnas, e ao genero *nymphal.* Chamam-lhe *idéa agelia.* É formosa e muito grande. As suas azas são transparentes, graciosamente arredondadas, e listradas de nervosidades pretas. Vive nas ilhas do oceano Indico.

I. DE VILHENA BARBOSA.

DESCOBRIMENTOS DOS PORTUGUEZES NOS SECULOS XV E XVI

(Conclusão. Vid. pag. 79)

Devo dizer agora quaes foram as consequencias mais notaveis que resultaram d'estes descobrimentos.

Ardua tarefa! Difficil é esta parte do ponto.

Os resultados que derivaram dos descobrimentos dos portuguezes nos seculos XV e XVI, ou exigem largos dias para se exporem, e grossos volumes para se escreverem, ou então se exprimem e, por assim dizer, se symbolisam em poucas palavras.

É realmente grandissimo o horisonte, alegre e risonho o quadro. Sente-se dilatar o peito e bater o coração, podendo dizer-se —sou portuguez— ao relatar quanto deve a humanidade aos portuguezes dos seculos XV e XVI!

Resultaram dos descobrimentos dos portuguezes os mais grandiosos successos desde o findar da edade média até hoje.

Resultaram, com as maiores revoluções, os maiores beneficios para a humanidade! Foram revoluções capitaes; revoluções que fizeram desapparecer alguns nomes do pequeno catalogo dos estados livres e in-

dependentes; revoluções que fizeram elevar pequenos estados ao apogeo do poderio e da gloria; revoluções que transformaram completamente a ordem de importancia relativa de todos esses estados!

Resultaram os vastissimos campos, ou ignorados ou esquecidos, e só então amplamente franqueados a todas as sciencias. A todas, porque a todas dissemos: — Ide aprender!

As quilhas dos galeões, sulcando mares nunca d'antes navegados, patentearam com os novos mares novos climas, novos ceos e novos astros, um riquissimo thesouro de novissimos tratados, quaes nunca melhores poderam homens escrever. Tratados foram estes de todas as sciencias, escriptos indelevelmente pela mão do Creador, archivados na grande bibliotheca do universo, folheados pelos portuguezes antes de outro algum povo!

A astronomia e a navegação produzem a hydrographia — completa-se e instrue-se a geographia. A medicina corre ávida em procura dos meios que os novos paizes lhe offerecem como á mais proficua das sciencias. A physica, a chimica... todas as sciencias, em fim, correm a frequentar a vasta eschola aberta pela navegação portugueza.

O commercio transforma-se, desenvolve-se e engrandece. Effectua-se a liga das nações pelos laços do commum interesse, e, com tal confraternisar, civilisam-se os povos!

Mas volvamos os olhos para a Europa. Vejamos o que faziam a Inglaterra e a Allemanha, a França e a Italia. Luctava uma pela liberdade, a outra pela religião; a França combatia na Italia, e esta destruia-se luctando contra si mesma a escolher quem havia de a governar.

O turco, tomada Constantinopla, era affronta constante e permanente ameaça aos dominios do christão. E se antes tal conseguíra, e se os povos congregados á voz dos reis, e os reis congregados ao grito de Roma, não poderam oppor-se á invasão dos mahometanos, que sería de Roma e da Europa, quando a Europa nem sequer já escutava o bradar de Roma afflicta.

Que sería, em taes lances, o rapido e successivo accommetter de hordas sem fim, de innumeros guerreiros, de exercitos de fanaticos, contando-se ás centenas de milhares, guiados pela rapacidade, animados pelo furor religioso? Quem havia de oppor-se a tal invasão?

Veneza e Genova, unicas potencias maritimas na epocha, se foram muitas vezes atalaya e escudo da egreja catholica, não poucas transigiram com os inimigos do christianismo em proveito de interesses menos nobres. A França esquecia S. Luiz, e presenciava tranquilla e folgazã os torneios e caçadas em que a fidalguia ostentava a sua vaidosa nobreza.

A Inglaterra desmanchára os navios em que embarcára Ricardo para a conquista de Jerusalem.

A Hespanha e Portugal, luctando braço a braço com o inimigo da fé, conquistando cada dia um palmo de terra, assentando hoje o arrayal no campo onde hontem ainda se entrincheiravam os contrarios, aquecendo-se agora á fogueira que ha pouco era almenára moirisca, levantando a cruz por sobre o crescente, transformando a mesquita em templo christão, e regando o solo com o sangue dos seus mais predilectos filhos, Portugal e a Hespanha luctavam, e luctavam sós, contra todo o immenso poder dos islamistas.

Se estes dois reinos, pela sua posição no extremo occidental da Europa, ficavam como que apartados da communhão das nações nos proventos e utilidades do commercio, bem certos eram na frente dos combates quando se requeria o valor e o esforço.

Ultimos estados pela situação geographica, eram tambem os ultimos a embainhar a espada em defesa da cruz.

Sangue ardente, provada coragem, dilatada intelligencia, animo audaz, transpõem os mares conhecidos, e, dando mundos novos de presente ao velho mundo, fazem a surpreza e o espanto de quem ouve as modernas maravilhas.

Portugal fecha os golphos Persico e Arabico, apodera-se de Malaca; e assim cortados ficam os infindos soccorros que d'alli e por alli vem ao turco. Limitado, apertado n'um determinado territorio, ruge o leão mahometano. Acode Veneza, ferida do mesmo golpe que enraivecêra o turco; apresta navios, que, por terra conduzidos ao Suez, no mar Vermelho naufragam ou são destroçados pelas balas portuguezas.

Constantinopla e Alexandria bem sentem o prompto decrescer, o rapido definhar do seu commercio. Veneza estremece ao reconhecer que nunca mais os seus navios transportarão para todos os portos do Mediterraneo os riquissimos thesouros do Oriente.

Que importa o alongado caminho? Se o mar dá a morte, a terra do turco dá a escravidão, impõe a aposthasia, e com a tortura moral a agonia lenta e de todos os instantes, muito peior do que a morte.

Franqueado o novo caminho para a India, quem mais passará por terras inimigas do nome christão?

A Europa, commovida, fita o attento olhar no horisonte. Deixa a cidade de Constantino, abandona Alexandria, esquece Veneza e o Mediterraneo, e vem saudar o Tejo!

Era tempo de que a Europa toda viesse aqui pagar reconhecido preito e sincera homenagem á portugueza heroicidade. Aprestam-se navios, imitam-se os modelos lusitanos, correm-se mais ousadamente as costas, visitam-se com frequencia os differentes portos, robustecem-se os estados, e o turco empobrecido, definhando a olhos visto, sustenta com mão trémula o alfange que por toda a parte cede aos botes da espada portugueza. E tres navios e 160 homens obtiveram, ou antes Vasco da Gama obteve, o que não conseguíra toda a Europa caminhando unida em concertados laços, guiada pela palavra de Pedro e animada por Godofredo. Nem S. Luiz, nem Ricardo, nem Alexandre VI, nem Sobieski, nem todos estes heroes feriram tão certeiro golpe no coração do imperio mauritano como n'elle abriu a quilha do *S. Gabriel!*

Eis as consequencias que resultaram dos descobrimentos dos portuguezes nos seculos XV e XVI; eis o motivo por que, do ultimo logar em que era contada esta nação, passou a occupar, se não o primeiro, o mais distincto, o mais glorioso, o mais invejado logar no decimo sexto seculo.

Eis as consequencias que resultaram para nós. Entendo que não devo descer a minucias, nem citar este ou aquelle provento colhido com os descobrimentos que fizemos. Limitar-me-hei a accrescentar que foram taes as consequencias, que ainda hoje, decorrido tão grande lapso de tempo, são-nos honra e gloria para oppor aos desdens e affrontas, que se tornam villanias de quem as emprega contra aquelles que ensinaram a todos os povos o caminho do mundo.

E seja-me permittido referir-me novamente ao padrão assentado no rio Zaire em 1859, e repetir hoje aqui algumas palavras que então disse ao deixar na praia africana aquelle memoravel symbolo:

«Os resultados dos descobrimentos dos portuguezes foram taes que ainda agora podêmos exclamar bem alto: — Disputam-nos hoje alguns palmos da terra que aos graus de 20 legoas descobrimos e conquistámos, em troca de muito oiro, muito sacrificio e muita vida, menosprezados pelos povos a quem ensinámos o que podiam alguns milhares de homens animados pelo acrisolado amor da patria. Bem pouco valemos já. Percorram, porém, os areiaes da Africa, visitem os palmares da Asia, admirem as florestas da America, ou naveguem por entre as ilhas da Oceania, que em

toda a parte, ou seja no padrão de pedra, na cruz do templo, na muralha da fortaleza, no nome do descobridor ou na linguagem do povo, por toda a parte hão de encontrar vestigios da passagem dos nossos avós, dizendo — honra ao nome portuguez.»

Foi esta a herança que nos legaram, que ninguem póde roubar-nos, e que eu considero como a mais gloriosa das consequencias dos descobrimentos dos portuguezes nos seculos XV e XVI.

ANTONIO FILIPPE MARX DE SORI.

A ESPOSA DE FELISBERTO

I

Diante da porta do sr. Felisberto Rodrigues, merceeiro acreditado e um dos primeiros negociantes da praça de Mafra, havia n'uma tarde de junho do anno de 18... reunião magna da aristocracia commercial da villa. Era jubiloso o motivo que presidíra á congregação de tão luzida assembléa, porque os caixeiros andavam n'uma roda viva distribuindo aos circunstantes copinhos de aguardente gratuitos. O generoso proprietario, homem dos seus trinta annos, córado, gordo, com as faces luzidias e escrupulosamente privadas de barba, que se fôra toda refugiar n'uma pera, a qual se prolongava, espanèjando-se frondosa, por baixo do queixo e rindo-se do labio superior, ermo do bigode correspondente, o proprietario, pois, recebia com modos de profunda satisfação os parabens e os agradecimentos dos consumidores. Em cima do balcão via-se uma confusa miscellanea de instrumentos de toda a especie, sendo comtudo dominantes os de metal. Um bombo formidavel, cujo fabricante parecia ter querido fazer concurrencia ao carrilhão do mosteiro, servia não de banco, mas de divan ao dono da loja e a uns tres ou quatro pequerruchos loiros e rosados, o mais novo dos quaes teria os seus tres annos, que se entregavam ás cabriolas mais ameaçadoras para a inviolabilidade da pelle d'esse Leviathan dos instrumentos de percussão.

O acontecimento que ia ser solemnisado não era, com effeito, de pequena importancia. A esposa do sr. Felisberto Rodrigues, que fôra para Lisboa ser ama do filho primogenito do marquez de***, que tres annos lá se demoráru, retida pela amizade que soubera inspirar á fidalga, annunciára finalmente que voltava ao ninho conjugal, e era esperada n'esse dia em Mafra. O anjo do merceeiro, em vez de descer de uma nuvem rosada, como seria o seu dever de anjo, havia de se apear de um omnibus da companhia. É verdade que tambem, em vez de ser recebida ao som das harpas dos seraphins, ameaçava-a a recepção de uma philarmonica, de que era presidente o sr. Felisberto Rodrigues, a cuja iniciativa fôra devida a sua fundação.

O bom do merceeiro não cabia em si de contente; o honrado homem bebia os ares pela esposa, e um tanto contra vontade d'elle é que a gentil saloia acceitára o logar de ama do filho do marquez. Um cofresinho bem recheiado, que ficava ao canto da alcova, demonstrava altamente que a necessidade o não impellíra a condescender a final com o desejo de sua esposa. Fôra em primeiro logar a vehemencia com que a rapariga mostrára a vontade que tinha de ir ver esse paraiso, esse sonho de oiro que se chama capital, de ir viver n'esse mundo encantado, n'essa região defesa, n'esse paiz de fadas que se chama palacio aristocratico; fôra, em fim, a idéa de ver sua mulher occupar um posto por tal fórma distincto em casa de um fidalgo, idéa que sorria á sua vaidade de plebeu, do plebeu que ainda hoje não chega a perceber bem a carta de alforria que seus paes lhe depositaram no berço depois de o terem sellado com o seu sangue, e que suppõe honra maior ser criado nas casas grandes, do que ser senhor e livre n'uma casa pequena, mas sua, bem sua, que possa encher com a sua voz, com a sua presença, com as suas affeições.

Mas a satisfação do orgulho depressa se dissipára; as alegrias da vaidade tem esse inconveniente; dissipam-se como o fumo que as symbolisa, e o pobre merceeiro, depois de ter passeiado dois dias por Mafra com o garbo e ufania do marido da ama de um futuro marquez, depois de ter recebido os parabens de toda a clientela, depois de ter tido o prazer immenso de ver uma carruagem com lacaios de libré parar á porta da sua tenda, depois de ter visto a carruagem afastar-se a todo o galope e abrir-se diante d'ella de par em par o portão da tapada, depois de ter comprimentado com ar protector os visinhos, que só lhe fallavam de barrete na mão, o pobre merceeiro, por que o não havemos de dizer? começou a sentir as amarguras da grandeza. Como o Moysés de Alfredo de Vigny, Felisberto Rodrigues principiou a comprehender que a gloria, cercando de uma auréola brilhante a fronte dos predestinados, obriga-os a caminharem isolados do commum dos mortaes. Ora o commum dos mortaes era para elle a cozinheira e os dois caixeiros. Perante estes tres humanos Felisberto era grande.

Um bello dia Felisberto Rodrigues amanheceu melancolico. Para este Adão sem Eva o paraiso das velas de cebo, e da manteiga, e dos queijos do Alemtejo, era um inferno mil vezes peior do que o do Dante. Faltava alli a deidade saloia, que illuminava com um raio emanado da sua coroa de resplendores cada um dos repartimentos. Sem ella perdiam todo o encanto as caixas de passas, os figos sêccos já não tinham a magica apparencia que possuiam outr'ora; os bacalhaus, pendurados na parede, não despertavam senão idéas sombrias no animo de Felisberto Rodrigues, e bacalhaus, figos, passas, velas de cebo e queijos do Alemtejo, vendo-o assentado tristemente n'um canto da loja, pareciam perguntar-lhe: — Por que suspiras tu, melancolico merceeiro?

E a esta doce voz que se exhalava, como um tenue cantico, das barricas, das caixas e dos pacotes, Felisberto só respondia abanando plangentemente a cabeça.

Depois levantára-se e fôra percorrer a casa; não havia uma gaveta, um bahu que lhe não inspirasse amargos pensamentos; aqui ostentavam-se as camisas sem botões, esperando debalde a agulha solicita da dona da casa, além a jaqueta de veludilho, ainda toda coberta da poeira do ultimo passeio ao Salabredo, pendia no cabide,

Despojo inutil do inconstante vento.

Felisberto derramou uma lagrima sobre a camisa erma de botões e fez voar a poeira com um suspiro. Voltou, e deparou-se-lhe logo o leito conjugal. Ah! com que lamentoso olhar contemplou o merceeiro o thalamo solitario! Arrancou-o da sua contemplação a voz da cozinheira, chamando-o para jantar. Foi; os feijões rescendiam um aroma de esturro que o exasperou. Começou a gritar com a cozinheira; a cozinheira respingou-lhe uma oitava acima; os pequenos, ouvindo a bulha e vendo que se não jantava, começaram a chorar em altos berros; o gato, achando todos distrahidos, entendeu que podia ir verificar se os feijões estavam effectivamente queimados; infelizmente, o cão tivera a mesma idéa. Os dois inimigos encontraram-se no meio da mesa, o cão ladrou, o gato enrufou-se, e, manobrando estrategicamente, apoiou a retaguarda na terrina; o cão tocou a investir, o gato rompeu, como se diz em termos de esgrima, a terrina foi ao chão, e Felisberto Rodrigues, desespe-

rado com esta algazarra infernal, pegou no barrete e saíu pela porta fóra.

Desde então nunca mais Felisberto teve alegria. Contou os dias por annos, e os annos por seculos. Fôra-lhe prohibido ir a Lisboa por espaço de seis mezes, e quando a final obteve licença para lá ir não pôde ver sua mulher senão em presença da marqueza, de quem estava sendo a criada valida, a confidente, a amiga intima quasi. Maria Joaquina, que tomára com rapidez os costumes lisbonenses, envergonhára-se do marido e recebêra-o sêccamente. À despedida ordenou-lhe que não viesse mais á cidade, e que ella o iria ver quando tivesse saudades d'elle. Escusâmos de dizer que decorreram dois annos e meio sem que Maria Joaquina sentisse desejos de ver a patria. Mandára pedir ao marido que lhe enviasse os filhos, mas d'esta vez o marido reagiu e recusou. Pediu-lhe que ao menos lhe mandasse o mais novo, porque terminára a criação. Felisberto Rodrigues escreveu-lhe uma ternissima carta em papel passento e letra garrafal, em que lhe dizia que todos em casa suspiravam pela sua vinda. Maria Joaquina respondeu-lhe com uma carta em papel almiscarado e letra miudinha, que o merceeiro não percebeu por causa das periphrases aristocraticas do estilo de sua esposa. Felisberto pegou na carta e foi mostral-a ao mestre-eschola; o mestre-eschola poz os oculos, leu, e concluiu que todas aquellas periphrases vinham a dizer em portuguez chão e sem malicia que Maria Joaquina chamava burro ao esposo. Felisberto, sem usar de periphrases, chamou camelo ao mestre-eschola, e, cada vez mais melancolico, foi, como Achilles, metter-se na sua tenda, d'onde nunca mais saíu.

Finalmente, um dia chegou uma carta consoladora: Maria Joaquina sempre viera a sentir as dores lancinantes da saudade, e annunciava a sua volta proxima. Felisberto Rodrigues deu pulos de contente; saíu de casa e foi dizer a todos a boa nova. A philarmonica, de que elle era chefe, votou por unanimidade uma recepção solemne á esposa do merceeiro, e veiu em corporação para ir esperar o omnibus. Em troca d'este obsequio Felisberto Rodrigues fez uma distribuição gratuita de aguardente, que levou ao seu auge o enthusiasmo da banda.

Estavam-se, pois, entregando a esse innocente jubilo, quando appareceu ao longe um gaiato saíndo da porta vermelha e annunciando a aproximação do omnibus. Correu tudo ás armas; Felisberto lançou mão do bombo, formou-se a philarmonica e saíu da tenda quando o carrão assomava á entrada do largo.

Felisberto deu o signal; começou a algazarra. O honrado merceeiro com o seu bombo fazia a parte cantante, o resto dos instrumentos acompanhava com uma independencia que fazia a maior honra ao caracter dos tocadores.

Chegaram ao pé da hospedaria quando o omnibus parava. Alli formaram-se em linha; abriu-se a portinhola ao mesmo tempo e desceram primeiro um sujeito velho e grave, depois um peralvilho loiro e perfumado, que estendeu a mão enluvada para ajudar a descer o degrau uma senhora um tanto grosseira de feições, um pouco mais rubicunda do que seria necessario, mas galante apesar de tudo, e vestida, se não com um estremado bom gosto, ao menos com um luxo deslumbrante para os olhos da philarmonica saloia.

Assim que a viu, Felisberto Rodrigues largou o bombo, e, correndo a ella, quasi que a abafou nos braços, em quanto os seus companheiros, enthusiasmados pela presença da deidade a quem prestavam homenagem, redobravam de vehemencia, e com as bochechas entumecidas e os olhos esbogalhados, pareciam estar tocando todos a trombeta do juizo final.

— O que é isto? exclamou a saloia, esquivando-se aos abraços do marido e desviando-o de si. O que significa este barulho?

— Não é nada, Joaquina, tornou o merceeiro todo alegre, é cá a rapaziada da terra que te quiz dar este regabofe logo á tua chegada. Vamos lá, rapariga, vamos para casa, has de ter um acompanhamento que nem a nossa rainha. Eu cá volto ao bombo. Eh! rapazes, continuou elle, viva a pandiga! Ordinario marche!

E, impellindo suavemente a mulher, collocou-a na frente da banda e deu o signal da partida. Maria Joaquina relanceou um olhar angustioso para o seu elegante companheiro de viagem, que a comprimentava ironicamente, e que, accendendo um charuto, se ria ás gargalhadas do aspecto marcial da banda de musica.

— Oh! meu Deus, como isto é ridiculo, murmurava ella toda vermelha e caminhando de chapeo e capa de seda na frente dos algozes, que, todos cheios de si, se entregavam ás mais barbaras variações.

Finalmente chegaram á tenda. Maria Joaquina correu aos filhos, que a tinham vindo esperar á porta, e, beijando-os sofregamente, levou-os abraçados até á alcova, sem nem sequer dirigir uma palavra de agradecimento aos pobres diabos que tinham julgado obsequial-a.

O que vale é que elles não eram de ceremonias. Uma nova libação consolou-os do esquecimento da saloia, e entendendo que os dois conjuges desejavam estar sós, retiraram-se discretamente acompanhados até á porta por Felisberto, que, apesar de muito grato, só desejava vel-os pelas costas.

Apenas o ultimo trombone transpoz o limiar, Felisberto fechou a porta da loja, e, galgando os degraus da escada a quatro e quatro, entrou precipitadamente na alcova.

Mas, assim que chegou á porta, parou estupefacto. Maria Joaquina, em pé, com o chapeo ainda na cabeça, e de sobr'olho franzido, esperava-o com a mão encostada á banca.

Felisberto arregalou os olhos e abriu a boca. Prevíra tempestade.

(Continúa) M. PINHEIRO CHAGAS.

DO SOL

Em apparecendo no Oriente os primeiros raios do sol, como se foram archeiros da guarda do grande rei dos planetas, vereis como vão diante fazendo praça, e como em um momento alimpam o campo do ceo, sem guardar respeito, nem perdoar a coisa luzente. O vulgo das estrellas, que andavam como espalhadas na confiança da noite, as pequeninas somem-se, as maiores retiram-se, todas fogem, todas se escondem, sem haver alguma, por maior luzeiro que seja, que se atreva a parar no ceo, nem a apparecer diante do sol descoberto.

Começa a saír e a crescer o sol, eis o gesto agradavel do mundo e a composição da mesma natureza toda mudada. O ceo accende-se, os campos seccam-se, as flores murcham-se, as aves emmudecem, os animaes buscam as covas, os homens as sombras; e se Deus não cortára a carreira do sol com a interposição da noite, fervêra e abrazára a terra, arderam as plantas, seccaram-se os rios, sumiram-se as fontes, e foram verdadeiros e não fabulosos os incendios de Phaetonte.

P. ANTONIO VIEIRA.

Passa o bem como sombra, e na memoria
É maior quanto foi mais desejado:
A pena ensina a conhecer a gloria:
Não se conhece o bem senão passado.

FRANCISCO RODRIGUES LOBO.